

Simonsen condena a moratória

- 4 DEZ 1986

São Paulo — “Não se cura ressaca com uma dose de heroína.” A metáfora foi usada ontem pelo ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, para condenar a tese da moratória unilateral na questão da dívida externa que ele teme seja utilizada pelo governo por causa das pressões políticas. Ele advertiu ainda que uma moratória agora pode levar o país a uma situação semelhante à da “inadimplência técnica” de 1983, que desaguou na maior recessão dos últimos 50 anos.

Simonsen, que ontem fez uma palestra para executivos paulistas a convite da revista **Exame**, recomendou que haja um esforço de negociação para se evitar as conseqüências de uma atitude mais drástica. Entre as sanções que o país poderia vir a sofrer com uma moratória, o ex-ministro cita a retirada dos créditos interbancários, que hoje totalizam US\$ 5 bilhões 800 milhões, e comerciais, atualmente na casa dos US\$ 10 bilhões.

O ex-ministro acredita que é possível ainda, apesar de entender que este não é

o melhor momento para o encontro com os credores por causa da queda nas reservas cambiais, conseguir uma renegociação vantajosa que garanta: redução de **spreads**, redução da transferência de recursos (algo que fique em torno de 2,5% do PIB) e criação de clima propício ao retorno dos investimentos estrangeiros.

Para Simonsen, o governo, com o Cruzado II, caminhou na direção correta, “embora um pouco atrasado”. Mas acredita que o governo ainda precisa adotar novas decisões que, a seu ver, passam por um descongelamento gradual dentro de uns três ou seis meses e definir os investimentos que vai priorizar.

Apesar de reconhecer que as recentes medidas econômicas eram “absolutamente necessárias”, o ex-ministro entende que elas foram amargas e antipopulares. “Mas, no caso de medidas amargas e antipopulares, não importa como ou quem as anuncia. Elas seriam amargas mesmo se fossem comunicadas à nação pela Xuxa ou pela Luiza Brunet”, ironiza ele.